

ESCRITORAS BAIANAS DOS OITOCENTOS ENFRENTANDO PRECONCEITOS

Helena Parente Cunha

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: *Tem sido conquista dos últimos anos o reconhecimento das autoras brasileiras dos séculos passados, mais numerosas do que se supunha e que foram esquecidas devido aos preconceitos do cânone literário. A partir da segunda metade do século XIX, com o surgimento dos periódicos em todo o país, dirigidos e editados por mulheres e para mulheres, veiculavam-se idéias avançadas e, ao mesmo tempo, concepções do sistema repressivo do patriarcado. O medo do corpo e do erotismo se transmite à produção literária feminina que, ao se inspirar no amor, quase sempre usa linguagem pudica, procurando santificar o sentimento. Mas não raro surgem passagens de uma audácia inesperada, num ostensivo desafio aos convencionalismos do cânone comportamental. Estudam-se as escritoras baianas Ana Ribeiro, Ildefonsa Laura César e Adélia Fonseca, dentro deste contexto.*

PALAVRAS-CHAVE: *Escritoras oitocentistas; preconceito; feminismo.*

As principais características do pós-modernismo ou baixa modernidade por certo resultam da erosão das estruturas ideológicas que sustentaram os séculos de uma cultura erguida a partir das relações de poder responsáveis pela entronização de concepções elevadas à categoria de verdades universais e determinantes dos modos de pensar, sentir e agir de inúmeras gerações do mundo ocidental. O começo da segunda metade do século XX promoveu uma reviravolta que desencadeou a mais veloz e mais radical mudança, ocorrida em todos os tempos, esfacelando as antigas crenças e os valores tradicionais.

Ficando ameaçada a hegemonia despótica do eurocentrismo,

abriram-se as brechas por onde emergiram os segmentos da alteridade secularmente posta à margem. Tomaram corpo o movimento negro e o feminismo que começaram a se fazer ouvir nos quatro cantos do planeta, ao lado das vozes vindas dos países do Terceiro Mundo, muitos dos quais saindo da condição de colônia. Tem sido uma árdua conquista das últimas décadas o reconhecimento dos escritores pertencentes a esses grupos marginalizados pela cultura dominante, figurando entre os resgatados da discriminação do passado as escritoras brasileiras e, mais recentemente, as dos séculos passados, muito mais numerosas do que se supunha.

Sem dúvida se trata de um movimento inédito nos cursos de Letras das universidades brasileiras que, a partir da década de 80, vêm contando com grupos de incansáveis pesquisadores, quase sempre mulheres, que empreendem verdadeiras peregrinações por bibliotecas e arquivos públicos e particulares a fim de darem visibilidade a inúmeras escritoras que não tiveram seus nomes inscritos nas histórias literárias da época nem nas posteriores.

Tais omissões se devem ao preconceito do cânone que não incluía mulheres nos seus registros, nem reconhecia que várias daquelas escritoras estavam em pé de igualdade com os mais destacados contemporâneos homens.

A Professora Zahidé Lupinacci Muzart¹ da Universidade Federal de Santa Catarina organizou e publicou em 1999 um volume de quase mil páginas, já em segunda edição, reunindo o resultado da pesquisa pertencente a um projeto integrado com dezesseis participantes de universidades brasileiras que, por sua vez, coordenam o trabalho de colaboradores nos seus respectivos estados. Trata-se de uma antologia composta de excertos de cinquenta e duas escritoras nascidas na primeira metade do século XIX, acompanhados de estudos críticos e dados biobibliográficos.

Não pertencço a esse atuante grupo de pesquisadores que vêm descobrindo tantas escritoras do passado que desafiaram o cânone e os preconceitos quanto à incapacidade da mulher para o trabalho intelectual, sem medo de serem atingidas na sua reputação, já que era comum a calúnia contra as que transgrediam os ditames proibitivos.

No Brasil Colonial, as mulheres eram analfabetas em sua maioria, mas, na segunda metade do século XIX, muitas se tornaram leitoras de romances, o novo gênero literário que fazia sucesso, e participavam dos saraus, a nova moda dos salões elegantes, onde

se expandia o ideário iluminista. Apesar das inconformadas reações contrárias, numerosas mulheres chegaram mesmo a participar de campanhas abolicionistas e antimonarquistas através da palavra falada e escrita.

Também a partir da segunda metade do século XIX, surgiram os periódicos em todo o país, multiplicando-se revistas e jornais criados, dirigidos, editados por mulheres e para mulheres. Essa novidade assinalou a entrada feminina no espaço público, abandonando a exclusividade de sua vida no âmbito do privado. Publicavam-se artigos, crônicas, contos, cartas, poemas, críticas literárias, promovendo transmissão de conhecimentos e troca de informações, o que ia desembocar no fortalecimento da subjetividade feminina e dos primeiros passos no caminho da conscientização dos próprios direitos e deveres, além de incentivar a luta pela conquista da identidade, problema que ainda aflige muitas mulheres de nosso tempo.

Mas nem toda aquela produção jornalística veiculava idéias avançadas, pelo contrário, muitas vezes prolongavam a fala do sistema repressivo do patriarcado, através de artigos voltados para a educação da esposa, mãe e rainha do lar, nos moldes da submissão ao comando masculino. As idéias de Rousseau e as concepções de Comte proliferaram no Brasil e, no tocante à mulher, lhe conferiam o papel de educadora dos filhos, além de responsável pela grandeza da pátria. No Brasil, sob a influência positivista, o culto da Virgem Maria enaltecia a castidade, servindo de modelo para a mulher, transformada em depositária de pureza e santidade e, por isso, objeto de adoração da família. Ante as perspectivas da liberação feminina, o positivismo passou a promover as virtudes da santa rainha do lar, isto é, sua capacidade para a obediência e o sacrifício, levando a mulher sutilmente a incorporar a voz do dominador, a ponto de renovar e/ou reiterar a antiga discriminação.

É o que se verifica na obra da escritora baiana, ANA RIBEIRO, nascida em 1843 e estudada por Ívia Alves e Nancy Rita Vieira Fontes, pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia. A professora Ívia, com entusiasmo contagiante coordena seu grupo composto por alunas da graduação, pós-graduação e também professoras.

Ana Ribeiro nasceu em Vila de Itapicuru, foi criada em Catu, mas, em 1865, passou a residir em Salvador, participando da intensa

vida cultural da cidade e tomando contato com as novas idéias científicas e filosóficas. Possui extensa produção literária que abrange contos, romances, poemas, além de artigos jornalísticos de crítica literária e de educação para futuras esposas e mães, com vistas a preservar os valores morais que, segundo sua opinião, ameaçavam os bons costumes. O texto que vou transcrever foi publicado em 1911, mas desde cedo a autora havia demonstrado suas tendências conservadoras que refletem as diretrizes daquela sociedade arraigadamente patriarcal e resistente às mudanças. Se ainda em nossos dias prevalece o preconceito contra o feminismo, imagine-se o escândalo provocado pelo movimento que, na época, já divulgava idéias em tudo opostas ao que a pressão ideológica modelizava para a mulher, devendo-se levar ainda em conta a propaganda da igreja católica, também ela preocupada em combater as novidades dissonantes. Ana Ribeiro participou ativamente dessa reação da Igreja.

Dizem os apologistas do feminismo exagerado: que a mulher deve ter, na sociedade, posição igual à do homem e gozar de todas as regalias que este egoisticamente criou somente para si; que ela deve instruir-se de modo a exercer todos os cargos, ter o direito de votar, etc, (...) A natureza, sempre sábia e provida na distribuição das funções destinadas a cada ser, fez a mulher de compleição mais delicada, mais sensível (...) cada dia mais apaixonadamente adora aquele por quem tanto padece, porque é próprio de sua natureza, excepcionalmente amável, amar os entes que são objeto de sua dedicação, de seus desvelos, o que o seu coração sente. (...) Diz o notável escritor, Tobias Barreto, o espírito feminino é um digno irmão do espírito masculino, e acrescenta: "Irmão mais moço e mais sadio, e pelo que nos diz respeito, visivelmente superior em talento". (...) Não concordo com esta última asserção (...) Que a sociedade precisa ser regenerada é uma verdade há muito enunciada por muitos, que esta grande missão compete à mulher, sem que para isso seja preciso votar, tomar assento nas câmaras, exercendo cargos que têm sido até hoje da exclusiva competência do sexo forte. (...) Cabe à mulher a grande tarefa de regenerar o homem (...) Possa ela, atualmente, exercer um novo Apostolado e regenerar a sociedade, regenerando o homem. (...) É este o ponto em que deve pôr a mira, a glória a que deve aspirar. Para isso não é preciso arrancar o cetro da mão do homem: basta dominá-lo pelo coração. (MUZART, p. 395-9)

Parece estranho que, mesmo tendo adentrado o espaço público, nos Oitocentos ainda houvesse mulheres empenhadas em defender sua inferioridade ante os valores considerados masculinos. Ana Ribeiro era partidária da concepção que atribuía à essência da mulher todas as características relativas à passividade e à capacidade de sacrifício que desaguavam na inferiorização, tida por natural ao sexo. A atual teoria do gênero combate esse essencialismo que determinava biologicamente o ser mulher e sua condição subalterna, reforçando ainda mais o regime hierárquico de privilégios de uns em detrimento da alteridade marginalizada.

Mas as vozes femininas oscilam antagonicamente, ora exaltando os valores do *domus* em devotada defesa, ora insistindo no apelo em prol da reformulação dos direitos da mulher, muitas vezes através de verdadeiros panfletos contra o abuso do poder exercido pela sociedade falocrática.

O cânone literário, ferrenhamente fechado para a atividade das escritoras, reforçava a onipotência do patriarcado, interessado em manter a mulher dentro de casa, sob as ordens do macho, seja o pai, seja o marido ou o irmão mais velho.

Os rigores da igreja católica medieval transmitiram à civilização ocidental a idéia de pecado e perdição da alma no tocante à relação amorosa e a tudo que estivesse associado ao prazer. O pensamento maniqueísta, posto a serviço da igreja, ao condenar o corpo em oposição à alma, dava início a uma longa tradição repressora da parte física do ser humano. Na visão mítica e também na poética, a concepção da mulher como criatura demoníaca ou angelical comunicou-se ao imaginário masculino que associava o corpo e suas belezas aos perigos da tentação, enquanto a visão santificada construía imagens femininas incorpóreas e louvadas por suas virtudes.

O medo do corpo e do erotismo se transmite à produção literária feminina do século XIX que, ao se inspirar no amor, quase sempre usa uma linguagem pudica, procurando santificar o sentimento, como a se resguardar do pecado ou da difamação. Mas não raro surgem passagens de uma audácia inesperada para os costumes da época, num ostensivo desafio aos convencionalismos do cânone comportamental.

A escritora ILDEFONSA LAURA CÉSAR, nascida em 1794, chocou os contemporâneos por causa do sua ligação fora da lei com um estudante de medicina. Estudada pela professora Zahidé

Lupinacci Muzart, é considerada a primeira escritora baiana a publicar sua produção poética em livro e talvez a primeira escritora brasileira a introduzir tonalidade erótica na poesia. Enfrentou corajosamente os preconceitos, falando de sua paixão e da falta de liberdade para amar:

*Quanto invejo da pastora
O viver simples e bom!
Mas a mim negou o fado,
Não quis tivesse esse dom.*

.....
*Cantando à borda do rio,
Que banha alegre morada,
Seus projetos executa
Sem que seja censurada.*

*Isenta de austeras leis,
Pensa, ri, brinca se quer.
Ignorando rigorismos
É feliz onde estiver.*

.....
*Carinhosa tem carinhos,
E vive assim bem contente.*

*Ai de mim! A quem a sorte
De tão altos bens privou,
Ditosos dias ainda
Comigo não partilhou.*

(MUZART, p. 152)

O eu lírico compara sua vida prisioneira com a liberdade da pastora, que passa os dias “feliz” e “contente”. Ela simboliza o princípio do prazer que, segundo Freud, não conhece limites para a realização de seus impulsos mais primitivos, enquanto o eu lírico, ao contrário, submetido às “austeras leis” e aos “rigorismos”, representa o princípio da realidade, regido pela razão e aliado da civilização que, para se impor sobre a natureza, se valeu da repressão.

O poema de Ildefonsa dá uma versão do estado em que vivia a mulher na sociedade patriarcal brasileira, proibida de sentir prazer para não despertar o assustador lado demoníaco em que se supu-

nham enquadradas as herdeiras de Eva.

Uma outra baiana, ADÉLIA FONSECA, também estudada por Muzart, nasceu em 1827 e foi considerada a mais importante poetisa da Bahia, numa época em que ali se desenvolvia grande atividade cultural. Alvo de elogios de Gonçalves Dias, Machado de Assis e outras personalidades, em termos de costumes não desacatou a ordem da moral vigente, como sua conterrânea e antecessora Ildefonsa Laura César.

Não raras vezes Adélia Fonseca faz eco à voz do sistema, enaltecendo a felicidade que toda mulher deveria almejar, como esposa e mãe, glorificada pelo amor. Mas a poetisa parece não ter medo de transgredir no soneto que tematiza a ausência do ser amado:

*Ninguém nas asas da mais leve aragem,
A ti enviou lembranças tão saudosas;
Ninguém horas passou tão deleitosas
De amor te ouvindo a fêrvida linguagem;*

*Ninguém de tua vida na passagem
Semeou, sem espinhos, tantas rosas;
Ninguém te diz palavras tão mimosas,
Contra o peito estreitando tua imagem;*

*Ninguém de alma te deu tão lindas flores,
Nem tanto desejou quanto eu desejo,
Delas, tão puras, conservar as cores;*

*Ninguém sabe beijar, como eu te beijo;
Ninguém assim por ti morre de amores;
Ninguém sabe te ver, como eu te vejo.*

(MUZART, p. 295)

Com o destaque das imagens indiciando leveza, “asas da mais leve aragem”, “linguagem”, “rosas”, “palavras”, “imagem”, “alma”, “flores”, “cores”, percebe-se a intenção de sutilizar a matéria do corpo, como se o estivesse aliviando dos perigos de sedução, daí a surpresa da afirmação do último terceto, “Ninguém sabe beijar, como eu te beijo”. Todavia, a única referência ao corpo, “peito”, recebe logo a dessemantização, através da palavra “imagem”,

afastando, portanto, a receosa aproximação física.

Mas podemos entrever o tímido erotismo do eu lírico, ao declarar o deleite no ouvir do sujeito amado a “férvida linguagem”, em que “férvida” indica o ímpeto arrebatador do idílio amoroso, enquanto o eu feminino, de acordo com as convenções relativas à pureza e à fragilidade da mulher, proferia “palavras tão mimosas”.

Observe-se ainda todo o primeiro terceto, relativo às flores oferecidas pela alma e ao desejo declarado de que suas cores se conservassem puras. A leitura do desejo inconsciente não esconde a libido reprimida que desabrocha no saber beijar do terceto final. Tudo muito contido, obedecendo às regras prescritas, mas não escondendo a intensidade do amor proibido.

As muitas mulheres escritoras que habitaram a cena cultural do século XIX e esquecidas por causa do autoritarismo discriminatório do cânone literário e comportamental, estão finalmente sendo resgatadas, despertando nossa admiração pela coragem revelada ao afrontarem o paradigma que lhes negava o simples direito de falar, pensar e até sentir.

A pesquisa atualmente em curso sobre a produção literária de nossas pioneiras contribui para um melhor entendimento de um fato bastante recente — a emergência da alteridade outrora menosprezada pela cultura dominante do eurocentrismo. E, naturalmente, vai atuar no sentido de nos proporcionar um mais eficaz atingimento de nossas raízes culturais.

Nos Oitocentos, a assustada contenção na abordagem do sentimento amoroso surpreende aqueles que, hoje, se habituaram a assistir aos excessos da liberdade sexual e da obsessão pelo corpo, neste palco armado para o espetáculo, que é a realidade do pós-modernismo. Sem dúvida, muitos fatores estão em jogo para o prestígio da moda que vai cada vez mais de vento em popa no que diz respeito ao uso da prótese de silicone para dar mais volume aos seios e glúteos, delirantemente exaltados.

Sem a menor intenção de julgar tal fenômeno, pois fugiria aos propósitos deste trabalho, vamos deixar de lado os exageros atuais para lembrar a coragem das escritoras do passado que não se intimidaram ante os preconceitos do cânone comportamental e escreveram um capítulo fundamental de nossa história. Graças ao novo conceito de história, para sabermos do passado, não queremos mais a versão dos fatos apenas através do depoimento das elites

culturais ou dos detentores do poder e dos que estão a seu serviço. Torna-se cada vez mais urgente ouvir as vozes que não tinham permissão para falar, no entanto participavam dos acontecimentos, embora sem poder de decisão. Sob a égide do poder pela força, os submetidos — submissos ou não — também têm muito que contar. A leitura de nossas escritoras do passado revela grande parte da história que a história oficial não contou. Sem sombra de dúvida, foram precursoras da inquietação e dos questionamentos presentes em boa parte da literatura de autoria feminina contemporânea. E da luta pelos direitos não só da mulher, mas em prol de uma sociedade mais equilibrada, sem as barreiras hierarquizantes que ainda perduram. Hoje, no clamor por justiça social, ecoam as vozes femininas que ousaram enfrentar o autoritarismo institucionalizado de ontem.

ABSTRACT: *In recent years, recognition has been won by Brazilian women authors of the past centuries, who are more numerous than it was supposed but they were forgotten due to prejudices of the literary canon. From the second half of the 20th century onwards, as newspapers directed by women and published for them began to appear all over the country, advanced ideas and, at the same time, conceptions of the repressive system of patriarchy began to circulate. The fear of the body and of the eroticism passed into women's literary output which, inspired in love, nearly always uses chaste language in an endeavour to sanctify the sentiment. It is not unusual though that unexpectedly daring passages arise in explicit defiance of the conventional rules of conduct. This paper focuses on the writers Ana Ribeiro, Ildefonsa Laura César and Adélia Fonseca, within that context.*

KEY WORDS: *Eighteenth century female writers; prejudice; feminism.*

NOTAS

- ¹ MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANAIS. *Mulher e Literatura*. VI Seminário Nacional. 11 a 13 de setembro de 1995. Elódia Xavier (Org.). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, NIELM, UFRJ, 1996.
- BATAILLE, Georges. *L' érotisme*. Les Editions de Minuit, 1965.
- CUNHA, Helena Parente. *Mulheres inventadas 1*. Visão psicanalítica, descompromissada e interdisciplinar de textos na voz masculina. 2 ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- CUNHA, Helena Parente. *Mulheres inventadas 2*. Visão psicanalítica, descompromissada e interdisciplinar de textos na voz masculina. 2 ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- CUNHA, Helena Parente (Org.). *Desafiando o cânone*. Aspectos na literatura de autoria feminina na prosa e no verso (70/80). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- KEHL, Maria Rita. A psicanálise e o domínio das paixões. In: CARDOSO, Sérgio et alii. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- PAIXÃO, Sylvia. *A fala-a-menos. A repressão do desejo na poesia feminina*. Rio de Janeiro: Numen, 1991.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos*. A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.